

1 INTRODUÇÃO

Esse livro expõe os resultados de uma tese. Contudo, a referida tese não é uma tese sociolinguística tradicional. O leitor não encontrará aqui dados para provar o fenômeno de variação/mudança *teu/seu*. Os dados aqui possuem caráter ilustrativo, posto que o fenômeno do qual tratamos é suficientemente documentado. O que proporemos é uma nova abordagem interpretativa para um fenômeno conhecido, buscando estabelecer explicação causal para o fato de os pronomes possessivos de 3ª pessoa, *seu* e as respectivas variações de gênero e número¹, serem usados também para se referir à 2ª pessoa no português brasileiro (PB). Nosso modelo explicativo considera as contribuições de estudos de abordagem cognitiva, especialmente, o que nos remete à Linguística Cultural. Contudo, sabemos que a relação entre propriedades da língua e propriedades culturais e sociais não é inteiramente clara, o que sempre traz a necessidade de estabelecê-la cientificamente. Buscaremos então avançar objetivamente nesse difícil caminho e contribuir também para os estudos em história social da língua.

Muito, é claro, já foi escrito sobre a cultura brasileira. Inicialmente, interessa-nos mais de perto o texto *Raízes do Brasil*, no qual Sérgio Buarque de Holanda traça um retrato do que seria o “tipo psicológico do brasileiro”, ou seja, o “homem resultante” das forças sócio-histórico-culturais que permearam a construção do país. Tomando tal retrato de identidade como nacional, revelada no “homem cordial”, o autor nos aponta fenômenos linguísticos que aparentemente manifestariam a cordialidade, que se porta

1 Para tornar a leitura mais confortável e o texto mais conciso, optamos por citar os pronomes em sua forma masculina e singular: *seu*, *teu* e *vosso*. Entretanto, naturalmente, eles aparecem nos textos estudados e em outros exemplos ao longo do trabalho em suas variações de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural), próprias do português. Sendo assim, ao ler a forma masculina e singular, é importante ter em vista que se está considerando as demais variações.

como um tipo de traço psicológico e social coletivo, imbricado na cultura brasileira. O autor sugere, por exemplo, que um dos usos do sufixo diminutivo *-inho* seja uma expressão semântico-sintática dessa cordialidade, afinal, seria afeto, e não somente um aspecto de grau, o que se transmitiria ao nos referirmos à residência que se frequenta como nossa *casinha* ou a um amigo como *maluquinho*. Em casos assim, o que estaria em jogo, segundo o autor, seria uma “aproximação do coração” (HOLANDA, [1936]2015, p. 256). A cordialidade prefere o tratamento privado em detrimento do público.

Entendendo, com o autor, a cordialidade como aversão à impessoalidade nas relações interpessoais, pergunta-se acerca da possibilidade de sua manifestação linguística especificamente em formas pronominais do PB enquanto variante do português europeu (PE) as quais, em última instância, expressam linguisticamente a relação com um outro. Em outras palavras, uma vez que a cordialidade possa se expressar linguisticamente, fenômenos de variação/mudança poderiam ser também manifestações linguísticas da cordialidade? Se sim, além de manifestar-se linguisticamente, poderia ser a cordialidade um fator externo provocador de variação/mudança linguística no sistema pronominal do PB, determinando as escolhas dos falantes? Além disso, a cordialidade poderia ser o que outrora se tratou como mentalidade (ARIÈS, [1978] 2011; VOVELLE, [1987] 1991), como a chama Avelino Filho (1988)? Poderia ser o que a linguística cultural concebe como modelo cultural (SHARIFIAN, 2011; D’ANDRADE, 1987; STRAUSS; QUINN, 1998; KRONENFELD, 2008; BENNARDO; MUNCK, 2014)?

Para responder a tais questionamentos, consideramos a base teórico-metodológica dos pressupostos da teoria da variação/mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006), segundo a qual toda variação/mudança na língua responde a condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Assim,

inserimo-nos na história social da língua, no que concerne aos estudos de mudança linguística, em especial às mudanças no uso de pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas. A partir da possível aproximação teórica entre os estudos de fenômenos de variação/mudança linguística e a Linguística cultural, questiona-se, sob o prisma do conceito de conceptualização cultural, a relação entre a cordialidade, tal como definida por Holanda ([1936]2015), e variações no uso da 2ª pessoa do possessivo no PB. As formas de tratamento nominais e pronominais nos interessam porque podem trazer marcas culturais de tratamento, auxiliando a identificação do contexto em que o pronome observado ocorre.

As razões que nos levaram à escolha do problema, bem como a identificar sua relevância, são de ordem teórica. O interesse de pesquisadores da área de Letras pela principal obra de Holanda não é original. Na literatura, Dias (2013) investigará o conceito de cordialidade na correspondência entre os autores Gilberto Freyre e Manuel Bandeira e apresentará como hipótese que a “sociabilidade tipicamente brasileira” presente nas cartas estudadas deixou marcas também na escrita modernista. Rocha (1998) objetiva investigar a afirmação de Afrânio Coutinho de que o homem cordial revela caráter brasileiro que incide sobre uma provável singularidade cultural que deve ter tido repercussões no mundo literário e, para tanto, analisará a famigerada querela entre José de Alencar e Gonçalves de Magalhães. A partir da crítica feita à *Confederação dos Tamoios*, de Magalhães, texto patrocinado por D. Pedro I, Alencar usaria de artifícios sociais do “homem cordial” para ingressar no mundo dos homens letrados. Aguiar (2012) propõe estudo linguístico em que, pela seleção lexical do discurso político do deputado Roberto Jeferson, de 2005, busca demonstrar a importância do “homem cordial” na cultura e no imaginário coletivo brasileiro. A partir da análise da seleção lexical do discurso, observa a predominância de dois campos lexicais: o primeiro denominou de “intimidade e

afetividade” e o segundo de “agressividade”², o que, por sua vez, seria compatível com a ideia de Holanda sobre o “homem cordial ambíguo, com evocações emotivas opostas e complementares” (AGUIAR, 2012, pp. 71-2).

Os estudos citados tratam de determinados sujeitos históricos em situações comunicativas formais. Considerando situações comunicativas mais diversas, inúmeras pesquisas linguísticas já relacionaram fenômenos de variação/mudança em formas de tratamento às propriedades culturais ou a traços semânticos menos formais. Entretanto, esses estudos não associaram tais fenômenos à noção de cordialidade de Holanda ([1936]2015). Citamos alguns: Kerbrat-Orecchioni (2011), que realiza estudo intracultural acerca de situações conversacionais em francês; Ramos (2011) com estudo intracultural, comparando formas de tratamento contemporâneas entre pai e filho no PB; Machado (2011), que realiza estudo intracultural acerca das formas de tratamento em peças teatrais em PB e PE dos séculos XIX e XX; Menon (1997), Martins e Vargas (2014) e Lucena (2016) que, ao estudarem fenômenos de variação pronominal – entre *seu/de você*, no primeiro caso, e *teu/seu* nos dois seguintes –, de modo geral, apontam como causas da variação fatores linguísticos como a introdução do *você* na função de pronome sujeito.

Segundo Lucena (2016, p. 77), a utilização de *seu* como estratégia de referência à 2ª pessoa está intrinsecamente relacionada à inserção de *você* no quadro de pronomes do PB. Alguns fenômenos tratados no trabalho de Martins e Vargas (2014), no entanto, apontam para uma possibilidade pouco abordada pelos trabalhos predecessores. Elas observam, ao analisar as cartas de leitores a jornais, que o comportamento do possessivo *seu* parece não acompanhar o movimento do pronome sujeito *você*, o qual, por

2 O que ainda seria a esfera dos afetos em nossa interpretação, como ficará claro mais adiante.

sua vez, tem uso crescente a partir da segunda metade do século XIX. Diante de tal fenômeno, as autoras apontam que *seu* seria ainda formal naquele momento, associado a *vossa mercê/vossa excelência* e *vossa senhoria* em situações de maior impessoalidade.

Sob outra ótica, a da nossa proposta, considerando a concepção de cordialidade – a aversão à impessoalidade – como uma conceptualização de tipo especial, um modelo cognitivo-cultural, sugere-se aos dados de Martins e Vargas (2014) outra possibilidade interpretativa para o fenômeno: o *seu* que aparece associado ao *vossa mercê/...* na verdade já seria o *seu* cooptado para a 2ª pessoa, em movimento que o retira do público em direção ao privado, em processo, portanto, de personalização.

Nossa hipótese parte da ideia de que *seu* em 2ª pessoa, fenômeno que ocorre no PB e não no PE, se desloca da 3ª pessoa, lugar que indica mais distância em relação ao interlocutor, para a 2ª pessoa. Tal distância está em consonância com Benveniste (1966, p. 231) quando ele afirma que os pronomes pessoais marcam “oposição entre pessoa (eu/tu) e não-pessoa (ele)”, posto que *eu* e *tu/você* são, respectivamente, quem enuncia e quem é pelo *eu* designado. Já a 3ª pessoa referencia o que está ausente, é a ausência. Nossa leitura é a de que, uma vez cooptado para a 2ª pessoa, e mais próximo do *eu*, pessoalizado, *seu*, diacronicamente, avança em sua concorrência com *teu* e torna-se recorrente em contextos de afetividade, pessoalidade e menor formalidade. Consideraremos tais propriedades como características da noção de cordialidade de Holanda ([1936]2015).

A partir dessa nova hipótese propõe-se, como contribuição inovadora deste trabalho, que o falante do PB, membro de um grupo cultural que compartilha e constrói conceptualizações culturais, teria optado por formas de expressão afetivas, pessoais e menos formais nessa concorrência por atuar, ao lado de fatores linguísticos, também a cordialidade como fator extralinguístico,

no sentido estrito do termo. Reforçamos que não pretendemos provar o referido fenômeno, isto é, o uso de *seu* como pronome de 2ª pessoa, já exaustivamente documentado, mas propor-lhe um novo modelo teórico explicativo.

A mesma proposta interpretativa também nos parece passível de aplicação ao fenômeno de variação/mudança nas formas de tratamento em PB trazidas por Ramos (2011, p. 296), que afirma que o crescente uso do *você* em lugar do *senhor* no tratamento entre pai e filho se deve à mudança social pela qual passa a família atualmente, que estaria trocando uma ideologia hierarquizada por uma igualitária entre seus membros. Nota-se que a autora também aponta a opção pelo menos formal. Em sua análise, diz que o termo *senhor* perde “respeitabilidade” e, assim, o primeiro traço a cair seria o que dita formalidade, posto que o uso de *senhor* ainda resistiria “onde há formalidade”. Tal conclusão parece corroborar a nossa ótica de análise, ou seja, há certa tendência de “informalizar”, aproximar, aquilo que em um primeiro momento surge como formal, impessoal. Nesse caso, um estudo cuidadoso poderia nos indicar se, de fato, fenômenos variacionais como os mencionados ocorrem sistematicamente nessa ordem (do formal ao informal, do impessoal para o pessoal, etc). Neste trabalho, porém, nos limitaremos aos fenômenos de variação que envolvem os pronomes possessivos de 2ª pessoa *teu/seu* observando seus correlacionados nos dados analisados.

Colocamo-nos ao lado de tais estudos e com eles desejamos contribuir por meio de uma abordagem original acerca dos fenômenos de variação/mudança do emprego dos pronomes possessivos de 2ª pessoa nas formas de tratamento do PB. Para tanto, apresentamos como hipótese investigativa, ainda, a qual buscaremos confirmar nas próximas páginas, a de que ao se comparar a construção e as características teóricas da cordialidade em Holanda ([1936]2015) às definições encontradas nos estudos culturais é possível a descrição

desse conceito como uma conceptualização cognitivo-cultural brasileira de tipo mais abrangente, isto é, um modelo cultural que atua como fator de variação/mudança linguística.

O objetivo geral desta pesquisa, pois, consiste em investigar a possibilidade de a cordialidade, compreendida como conceptualização cultural, ser um dos fatores causais de fenômenos linguísticos de variação/mudança pronominal relacionados a formas de tratamento do PB. Especificamente visa-se: 1) contribuir com as possíveis relações entre os Estudos Culturais Históricos, Sociais e Linguísticos; 2) estabelecer a aproximação entre os Estudos Culturais e a cordialidade, tal como intuída por Holanda ([1936]2015); 3) estabelecer relação entre os Estudos Cognitivos e Sociolinguísticos e 4) investigar em que medida os fenômenos de variação/mudança nos pronomes possessivos de 2ª pessoa do PB relacionados às formas de tratamento podem ser manifestação de um modelo cognitivo-cultural.

Metodologicamente a pesquisa busca, primeiro, apresentação e discussão ampla sobre a temática da concepção da cordialidade no contexto dos Estudos Culturais e em Linguística. Em seguida, investiga a viabilidade da hipótese teórica elaborada por meio da qual se comprovaria a tese da possibilidade de a cordialidade ser compreendida como fator de variação/mudança linguística pronominal relacionada às formas de tratamento do PB. Quanto aos meios, a pesquisa foi, em um primeiro momento, bibliográfica e documental e, em um segundo momento, investigativa, com a averiguação da hipótese. Utilizou-se para isso, de maneira ilustrativa, os dados extraídos de três textos teatrais de autores brasileiros, a saber: *O marido confundido*, de Alexandre Gusmão ([1737]1841), *O juiz de paz da roça*, de Martins Pena ([1837]2018) e *Não consultes médico*, de Machado de Assis ([1896]2018). As peças foram escolhidas considerando a possibilidade de acesso aos manuscritos e/ou às primeiras edições, o período histórico de

ocorrência do fenômeno apontado pelos estudos anteriores e o gênero. Optou-se pela comédia teatral de costumes por ser esse um texto que busca relação próxima com o público, de forma que, para alcançar essa proximidade, apresenta certa representação do falar da época em que se insere.

Não poderia deixar de registrar, nesse momento, meu agradecimento à Academia Brasileira de Letras, à Biblioteca Nacional e à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais pela presteza no atendimento e acesso ao acervo, bem como aos colegas professores Lorenzo Vitral, Márcia Rumeu, Jussara Abraçado, Ulrike Schröder, Eliana Tavares, Adriana Barbosa, Milene Oliveira e Gasperim Ramalho, pela leitura acurada e pelos momentos de interação.

Por fim, este livro está estruturado em Introdução, que acabamos de expor, e cinco capítulos: o primeiro é o referencial teórico, no qual apresentaremos os marcos conceituais de nossas análises; o segundo é uma breve revisão bibliográfica de alguns dos principais estudos variacionais que tratam do fenômeno que observamos, bem como a apresentação do quadro teórico da Sociolinguística Cognitiva (GEERAERTS, 1989; KRISTIANSEN; DIRVEN, 2008; GRONDELAERS; SPEELMAN; GEERAERTS, 2007; GEERAERTS; CUYCKENS, 2007); no terceiro capítulo apresentamos mais detalhadamente o percurso metodológico do trabalho; no quarto temos apresentação e discussão qualitativa dos dados extraídos dos textos em análise; no quinto apresentamos o modelo teórico de explicação do fenômeno observado com base nos parâmetros teóricos expostos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca do que aqui foi abordado.